



## REFLEXÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS INCLUSIVAS EXITOSAS NO ENSINO REMOTO

Patrícia Thoma Eltz <sup>1</sup>  
Patricia Pinto Wolffenbuttel <sup>2</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso teve como questão norteadora como oportunizar aos professores momentos de reflexão sobre a educação inclusiva no ensino remoto? A situação da pandemia com a suspensão de aulas presenciais motivou a oferta de mais uma turma de especialização através de atividades não presenciais. Este estudo teve início com a proposição da pós-graduação em Práticas Educativas para o Aprender, oferecida no formato remoto, no ano de 2021. Os dados foram coletados durante a disciplina de Diversidade e prática docente inclusiva, através de uma atividade coletiva e da participação individual em fórum sobre experiências inclusivas vivenciadas na prática pedagógica de cada um. Foi possível concluir que a disciplina, desenvolvida no modo remoto, abriu espaço para leituras, reflexões e discussões sobre práticas inclusivas e contribuiu para a formação continuada dos professores.

**Palavras-chave:** Inclusão, Formação Continuada, Reflexões.

### INTRODUÇÃO

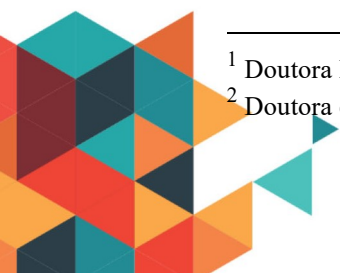
A pandemia ocasionada pelo vírus altamente infectante, COVID-19, exigiu uma reorganização de vários setores da sociedade, pois foi necessário manter o distanciamento social. Com isso, uma das medidas adotadas foi o fechamento de escolas e universidades a fim de evitar aglomerações de pessoas.

O distanciamento físico configurou-se como medida necessária neste momento de pandemia mundial e a suspensão de aulas presenciais foi essencial para cumprir o protocolo de proteção à comunidade acadêmica. A disciplina Diversidade e Prática Educativa Inclusiva, a

---

<sup>1</sup> Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social, IFSUL, [patriciaeltz@ifsul.edu.br](mailto:patriciaeltz@ifsul.edu.br);

<sup>2</sup> Doutora em Educação, IFSUL, [patriciawolffenbuttel@ifsul.edu.br](mailto:patriciawolffenbuttel@ifsul.edu.br)



primeira disciplina do curso de formação continuada de especialização de forma não-presencial, tem como objetivo compreender os fundamentos, os princípios e os objetivos da educação inclusiva, analisar criticamente os conceitos de exclusão, integração e inclusão na prática docente, além de compreender o sujeito como possuidor de múltiplas dimensões para diferentes interações sociais.

Podemos definir as aulas remotas, de forma simples, como conteúdos que são produzidos e disponibilizados no meio virtual, acompanhando as aulas online que acontecem em tempo real, ministradas pelos professores. O ensino remoto oferece todo tipo de suporte ao estudante e disponibiliza materiais para que o aluno permaneça com um ensino de qualidade assim como seria nas aulas presenciais. O ensino remoto possibilita algumas vantagens como: compartilhamento de conteúdos, a produção de envio de trabalhos são por e-mail, é possível tirar qualquer dúvida, mesmo online, diretamente com o professor, e proporciona a flexibilidade de horários e autonomia relacionada ao ensino (PAIVA JUNIOR, 2020).

Conforme Macedo (2005) a perspectiva da inclusão é definida pela compreensão da relação existente entre as pessoas e as diferenças. Pensar a educação na lógica da inclusão significa interagir e se colocar na perspectiva do outro, entender que os diferentes são parte de um mesmo todo. Nessa abordagem, as dificuldades escolares são entendidas como sendo de todos os envolvidos, desafiando professores, demais profissionais e equipe de apoio a refletir sobre a insuficiência de recursos pedagógicos, a rever formas de se relacionar com alunos e a estudar novas formas de ensinar.

Os saberes que emergem da prática educativa possibilitam reflexões e ocupam lugar privilegiado na construção de conhecimentos profissionais de docentes. Portanto, entende-se a formação continuada como aliada dos educadores, pois é possível pensar e discutir com mais significado e sentido estando imerso na ação educativa, procurando compreender nossas atitudes e sentimentos que emergem do cotidiano. É essencial encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais na formação continuada de docentes (NÓVOA, 1995).

O presente texto se origina em pesquisa realizada com professores participantes da disciplina Diversidade e Prática Educativa Inclusiva, na pós-graduação em Práticas Educativas para o Aprender, oferecida no formato remoto, através de atividades não presenciais. O objetivo geral desse estudo foi analisar momentos de reflexão de professores sobre a educação inclusiva oportunizadas em disciplina de curso de pós-graduação no ensino remoto. Assim, apresenta-se metodologia, referencial teórico, resultados e discussão, conclusões e referências.



O estudo de caso é um tipo de investigação que trata sobre uma situação específica, procurando encontrar as características e o que há de essencial nela. O Estudo de Caso é uma situação única em que se lida com inúmeras variáveis de interesse e não apenas com pontos de dados. Gil (2007) conceitua o estudo de caso como um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno e que pode ser aplicado nas mais diversas áreas do conhecimento.

O presente estudo, de abordagem qualitativa, partiu de dados oriundos de dois momentos realizados durante a disciplina Diversidade e Prática Educativa Inclusiva. O primeiro momento foi uma atividade coletiva e o outro uma atividade individual.

O primeiro momento foi solicitado que relacionassem os conceitos trabalhados com o vídeo Cordas. Essa atividade coletiva foi realizada no Jamboard<sup>3</sup> na plataforma da plataforma Google Meet<sup>4</sup>. Os conceitos trabalhados foram dos textos utilizados na disciplina, principalmente do autor Lino de Macedo.

O segundo momento foi uma atividade individual através da participação no fórum sobre experiências exitosas de inclusão social. Foi solicitado que cada um descrevesse uma experiência vivenciada ou que estivesse vivenciando naquele momento.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

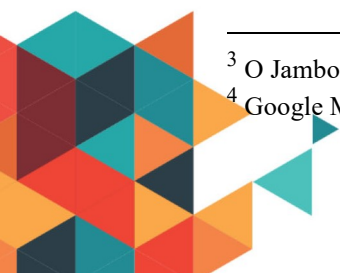
Um mundo inclusivo é um mundo no qual todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades de ser e de estar na sociedade, de forma participativa, e onde as relações entre o acesso às oportunidades e as características individuais não são marcadas por interesses econômicos (que privilegiam o acesso para uns poucos), mas pela igualdade de valores entre as pessoas.

A única coisa que todos temos em comum é o fato de sermos todos diferentes. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza (SANTOS, 2000).

---

<sup>3</sup> O Jamboard é um quadro interativo desenvolvido pelo Google, como parte da família G Suite.

<sup>4</sup> Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.



Segundo Macedo (2005) a função cognitiva da semelhança é possibilitar-nos a organização do conhecido, é encaixar, classificar o que quer que seja em termos de algo conhecido. Essa forma de encaixes opera pela lógica das classes, pela lógica dos conceitos. Diante de algo particular, diferente ou novo, buscamos classificar, conceituar, colocar o particular em um geral, e, portanto, já conhecido, pelo menos como classe.

O geral, o comum, o regular, o conceitual, o equivalente, o extenso, o sim, o não e a referência comum são organizadores da lógica das semelhanças. Ou seja, o conhecimento como semelhança só se completa ou complementa pela diferença, ainda que naquela perspectiva esta fique reunida indistintamente como os não-iguais.

Diferença é aquilo que não se encaixa, corresponde a ideia de que certas coisas só podem ser conhecidas por fragmentos, por partes, pelas pistas, pelas pegadas, pelos cheiros, pelos vestígios do que foram ou do que poderão ser. Os sonhos, os esquecimentos, tudo o que dentro de nós não é controlável, classificável e dominável são exemplos de coisas que fazem diferenças (MACEDO, 2005).

Por isso a lógica das semelhanças é a lógica das classes, a lógica das diferenças é a lógica das relações. Na inclusão, semelhanças e diferenças relacionam-se de modo interdependente, indissociável. Se há respeito pela diferença, somos desafiados a desenvolver ações mais responsáveis e comprometidas com a inclusão.

Assim, a diferença se expressa por relações horizontais que admitem referências múltiplas, abertas, e, por isso, sujeitas às divergências, disputas, etc. Os irmãos, por exemplo, olham-se no mesmo plano. E por isso divergem e lutam tanto, ainda que em um contexto fraterno. A cultura da diferença supõe a cultura da fraternidade, em que diversidade, singularidade, diferenças e semelhanças podem conviver em uma inclusão, formando um todo, quaisquer que sejam as diferentes escalas que o compõem (MACEDO, 2005).

Para Macedo (2005) a lógica da exclusão apoia-se na lógica das classes. Classificar é uma forma de conhecimento pela qual reunimos, abstraindo as semelhanças, todos os termos que satisfazem a um critério comum, tornando-os, por isso, equivalentes entre si com relação a esse critério. Classificar é, portanto, uma forma de organização ou de raciocínio que coloca os iguais, os que respondem ao mesmo critério, em um mesmo lugar, em uma mesma caixa.

Dizer que a exclusão se apoia na lógica da classe não significa que classificar seja algo errado. Classificar é necessário e, por isso, bom. Todos necessitamos classificar: a classificação é uma fonte de conhecimento. Pela classificação, pode-se separar, por exemplo, as frutas maduras das que ainda estão verdes, pode-se formar agrupamentos segundo um certo critério. Sem a classificação, é difícil aprender ou conhecer. O problema, então, não reside em agrupar



as coisas por classe, o problema reside no uso político, nas visões educacionais decorrentes de um raciocínio de classe, que cria preconceitos, separa, aliena.

O problema da classe consiste em estruturar as coisas numa relação de dependência, ou seja, depende-se do critério para estar dentro ou fora. Em outras palavras, na lógica da exclusão, os que estão fora do critério compõem algo indefinido, por isso são frequentemente designados pelo termo “sem”: sem-terra, sem-teto, sem-projeto. Na lógica da classe, a exclusão dos termos que não possuem o critério que define a classe é obtida pelo raciocínio do “sim” e do “não”. O “sim” afirma a pertinência, isto é, autoriza a inclusão. O “não” nega a pertinência, autoriza a exclusão.

Define-se a inclusão pela lógica da relação, por intermédio da qual um termo é definido em função de outro. A lógica da inclusão é definida pela compreensão, ou seja, por algo interno a um conjunto e que lhe dá um sentido.

Entende-se a relação como uma forma de interação, de organizar o conhecimento, ou de pensar o que quer que seja, na perspectiva de outro. Relacionar é definir algo em relação ao outro, pela sua posição ou lugar, por aquilo que está entre os dois, não nele ou no outro.

Incluir significa abrir-se para o que o outro é e para o que eu sou ou não sou em relação ao outro. Por isso, a educação inclusiva supõe, sobretudo, uma mudança em nós, em nosso trabalho, das estratégias que utilizamos, dos objetos e do modo como organizamos o espaço e o tempo na sala de aula.

Então, segundo Macedo (2005) na lógica da exclusão ou da classe, o referente é externo (isto é, independente dos objetos que são por ele classificados), único (mesmo podendo integrar várias qualidades ao mesmo tempo) e sucessivo (podemos classificar um objeto de infinitas formas, mas em “tempos” ou “espaços” diferentes). Na lógica da inclusão ou da relação, o referente (que compreende ou dá sentido a ela) é interno (é o que faz a mediação entre um termo e um outro e, nesse sentido, está entre eles) e, por isso, é múltiplo e simultâneo (podemos nos relacionar no mesmo espaço e tempo de muitas e muitas formas).

Esta é a ideia de educação inclusiva, ou seja, ser parte e todo ao mesmo tempo. Enquanto todo, sou eu, com minhas singularidades, características, tamanho, cheiro, com meus olhos ou sem meus olhos, com minha inteligência desenvolvida ou não, com minhas pernas ou sem as minhas pernas. Sou eu naquilo que eu sou, na minha identidade, enquanto todo. Ao mesmo tempo, eu sou sempre parte.

Por fim, é importante assumirmos o preconceito, a nossa dificuldade, o nosso medo, a nossa impotência porque só assim vamos poder, pouco a pouco, assumir de fato, uma formação que promova a educação inclusiva. Vamos precisar estudar o que antes estávamos dispensados



de estudar, aprender técnicas nas quais antes não precisávamos pensar, aprender a ver mais devagar quando estávamos acostumados a ver numa certa velocidade, rever as nossas expectativas de professores, rever as nossas formas de avaliar, de aprovar, de reprovar, melhorar a nossa condição de trabalho. Assim, incluir é envolver-se, é tornar nosso, é flexibilizar a percepção para redimensionar a ação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro momento foi uma reflexão coletiva sobre os conceitos trabalhados na disciplina e o vídeo “Cuerdas”, uma curta-metragem de animação de Espanha que foi escrito e dirigido por Pedro Solís García em 2013. Recebeu o Prêmio Goya de melhor curta-metragem de animação em 2014. A curta-metragem conta a história de uma menina que se tornou amiga de um menino Nicolas que tem paralisia cerebral. Seguem as reflexões dos professores participantes da disciplina:

Figura 01 - Atividade coletiva





Fonte: figura adaptada pelas autoras

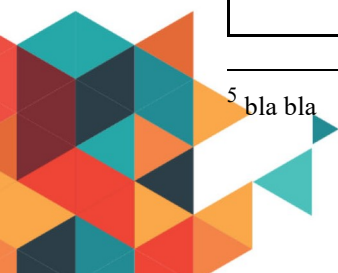
É possível notar que os professores conseguiram fazer relações com os conceitos de inclusão, respeito, diversidade, empatia, dialogando com o vídeo e fazendo reflexões. Pensar reflexivamente sobre nossas vivências cotidianas foi o princípio fundamental no qual se apoiou o projeto de curso de formação continuada para docentes. A reflexão sobre a ação educativa é um momento essencial, pois, é pensando criticamente sobre o já vivido que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 2011).

O segundo momento foi uma atividade individual de participação no fórum sobre experiências exitosas de inclusão social na plataforma Moodle<sup>5</sup>. Seguem os principais relatos descritos pelos professores participantes da disciplina.

**Quadro 01 – Descrições de algumas experiências exitosas**

Sujeitos da pesquisa	Descrição
Professor 1	Uma manhã após as atividades de rotina, sentamos em volta das mesas para fazer atividades planejadas, mas percebi que duas alunas estavam brigando, perguntei o que estava acontecendo e uma me disse: Não quero sentar perto dela, a cor dela não é igual a minha! E claro que meu planejamento mudou. Reuni na mesa bonecas, bonecos e bichinhos que eu tinha na sala, pedi para a turma juntar todos que fossem iguais, não encontraram todos eram diferentes, então pedi para fazermos uma rodinha e esticarmos nossos braços sem casaco ou manga comprida. Perguntei a turma quais eram iguais, eles perceberam que a cor tinha leves ou muita diferença entre todos. Conversamos sobre o que cada um fazia melhor: Jogar bola, desenhar, dançar, correr, pintar... a turma percebeu que ali também tinha diferenças e isso não impedia de nos ajudar. Ficou certo de que todos éramos diferentes e que ao mesmo tempo éramos colegas, devíamos respeitar a diferença do outro, pois queríamos ser respeitados e combinamos ajudar um ao outro sempre que perceber, que o colega, a prof ou qualquer pessoa precisasse de ajuda.
Professor 2	...fomos investindo em atividades físicas e motoras, assim os professores de educação física criaram um plano de atendimento para a Ariela, que hoje já se movimenta sozinha, sem a cadeira de rodas, mesmo com seu equilíbrio comprometido. Quanto a alfabetização, descobrimos que a Ariela é ouvinte porém emite apenas sons, devido ao fato de não termos no município um professor de libras, fomos criando códigos de comunicação e hoje todas as atividades que realizamos com a Ariela são de forma faladas e ela faz suas representações através de desenhos ou reconhecimento de imagens. Ela tem 12 anos e hoje está no 7 ano. muito dedicada, adora ter todos os registros de suas atividades no caderno que fizemos especialmente para ela, em folhas A3 e sem linhas. Percebemos que ela tem preferência pela disciplina de Geografia e as atividades físicas. O conteúdo não é adaptado para ela, apenas a forma como ele é exposto. Acreditamos que dentro das nossas possibilidades enquanto escola, tivemos uma

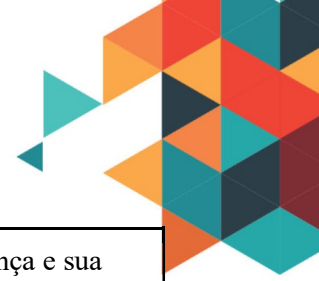
<sup>5</sup> bla bla





	experiência exitosa com a Ariela.
Professor 3	<p>Tínhamos na turma diversos e diferentes casos de inclusão, mas um em especial me tocou de maneira forte e intensa. Um menino que se mostrava extremamente carente de afetos e atenção. Ao mesmo tempo era rotulado por todos profissionais da escola como "o terror", " caso perdido", "burro" "hiperativo", "anti social", "sem limite", etc.</p> <p>Esse menino demandava muito da minha atenção, por necessitar e por implorar, não com palavras, mas com o que o corpo externava/ expressava/ falava. Eis que com o passar dos dias, fui percebendo que aquela criança aprendia tudo muito rápido, montavam quebra- cabeças de muitas peças que eu e outras crianças da turma tinham dificuldades em montar. Percebi que ele apresentava um comportamento agitado e sem limites quando eu não conseguia lhe dar atenção da qual necessitava, devido minhas demandas com as outras crianças. Percebi que ele conseguia parar e se concentrar em uma atividade ou jogo de seu interesse, sempre tendo muito êxito em todos.</p> <p>Pedi ajuda para supervisora que acionou a equipe da Smed que trabalhava com crianças com NE. Tivemos uma reunião com estas assessoras e a minha supervisora se mostrou totalmente surpresa quando ao invés de depreciar a criança eu somente o elogiei, narrando seus potenciais. Esta criança passou a fazer atendimentos individuais com estas assessoras em outra escola e foi diagnosticado como uma criança com altas habilidades. Com isso toda a equipe da escola mudou visivelmente o tratamento daquela criança. E eu no início de minha docência nem sonhava que aquele menino "grudento" e extremamente inteligente tinha altas habilidades, mas sabia que ele não apresentava características do que as colegas o rotulavam. Com a mudança do olhar da equipe, houve uma mudança positiva na inclusão desta criança no convívio com as outras. E pensa na minha felicidade!!</p>
Professor 4	<p>No decorrer da minha caminhada no magistério tive algumas experiências com alunos na educação inclusiva, mas algumas foram muito especiais... Essa foi a minha primeira experiência com aluno autista... Não sabia nada sobre o assunto ainda, e não tinha sala de recursos na escola na época. Esse aluno autista, no início tinha uma grande dificuldade na interação e na adaptação no ambiente escolar (natural no autismo), no início do ano foi complicado, porém no decorrer do ano, com muita dedicação e encontrando maneiras de desenvolver atividades junto com todos os alunos, ele integrou-se a turma e alfabetizou-se. Lembro que percebi que ele gostava muito de música, então fui desenvolvendo vários projetos com música e assim todos aprenderam junto. Considero de extrema importância a confiança que a família depositou em mim o tempo todo, o elo desenvolvido entre a turma com ele e vice versa, pois ele foi incluído na turma e em todas as atividades da turma. A importância de se sentir parte do grupo, de sentir que está fazendo as atividades igual seus colegas é algo essencial para a total inclusão. Hoje ele está no 7º ano na escola, acompanho o desenvolvimento dele sempre junto com seus colegas de turma.</p>
Professor 5	<p>Pensando na educação inclusiva como momento/espço relato o fato de receber um aluno, na Educação Infantil (pré-escola) que muito pouco falava, batia e mordia os demais e que ainda não controlava a evacuação e a urina. Mas, com tudo isso, foi muito bem acolhido por todos nós (professoras e colegas), porém gerou questionamentos e manifestações dos pais das crianças colegas. Tudo que ele conseguia dizer era que me amava. A própria família da criança não aceitava as limitações dele e acreditava pouco na possibilidade do aprendizado. Mas, com a ajuda da direção da escola, conseguimos um laudo do neurologista que permitiu que a criança e a sua família passasse a ser atendidos, paralelamente a escola, por</p>





	nutricionistas, fono, psicólogos e demais serviços que ajudassem a criança e sua família a compreender a situação vivida. Para conseguir se comunicar com o aluno, em algumas oportunidades, deitávamos no chão, no tapete, para conversar e o aluno adorava a situação.
Professor 6	<p>Minha primeira experiência com a educação inclusiva foi na minha turma de 4º ano onde eu recebi de presente uma menina doce com deficiência visual, digo que foi presente pois aprendemos juntas a nos adaptarmos diariamente. Confesso que foi um grande desafio pois não conhecia o braille e tive que adaptar todo conteúdo, confeccionar vários materiais para que ela se sentisse integrada, hoje ela já se formou e foi uma grande alegria e experiência ter convivido com este ser único e especial.</p> <p>Confesso que não foi só ela na minha trajetória acadêmica, trabalhei dois anos na sala de recurso, onde aprendi e pude auxiliar diversas crianças de inclusão, com várias síndromes.</p> <p>Já tive aluno autistas, cadeirantes, etc.</p> <p>Sempre é uma experiência única e cheia de desafios.</p> <p>Aprendemos juntos, pois a troca sempre é muito importante.</p>

**Fonte: quadro elaborado pelas autoras**

É possível perceber que os professores compartilharam experiências significativas de forma emotiva e reflexiva. Para Macedo (2005, p.38) “o desafio da prática docente, supõe que o professor possa sair do isolamento e solidão da sala de aula com seus alunos e compartilhar formas coletivas de enfrentamento de questões comuns”. Ou seja, o professor pode encontrar um outro contexto de aprendizagem na própria comunidade escolar composta pelos colegas.

Em relação às estratégias utilizadas no ensino remoto a saber, Jamboard, fórum, vídeo, leituras, exposição e debate em momentos síncronos, foi possível observar que contribuíram para os momentos de reflexão individual e coletiva. As participações evidenciaram que os professores pensaram sobre suas vivências, evocaram criticamente as experiências e sentiram-se confortáveis para compartilhar com o grupo. Observamos que as estratégias oportunizaram momentos dialógicos, tendo a troca entre os professores como um princípio fundamental para reflexão. Para Nóvoa (2002) a formação de professores não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas. Sobre a formação continuada de docentes, autor destaca que dimensões coletivas, tendo por referência conhecimentos e experiências compartilhadas, contribuem para a emancipação profissional, para mudanças de perspectivas e, sobretudo, para produção de sentido de suas próprias práticas (NOVOA, 2002).





Por meio deste estudo, foi possível perceber que a disciplina Diversidade e Prática Educativa Inclusiva foi um espaço autônomo em que os professores puderam dialogar e compartilhar experiências úteis, significativas, refletindo sobre a própria prática. A formação continuada é, antes de tudo, uma releitura das experiências, que nela ocorrem, significando uma atenção prioritária às práticas dos professores.

Em sintonia com os autores de referência trazidos ao diálogo neste texto, entendemos que o processo de formação continuada se torna possível se oportuniza o encontro de professores com suas experiências a partir de um novo momento para pensar. Além deste movimento, a possibilidade de compartilhar suas vivências por meio de relatos ou outras formas de expressão, favorecem a reflexão individual e coletiva.

Retornando à questão norteadora desse estudo, pudemos concluir que a disciplina abriu espaço para leituras, reflexões e discussões sobre práticas inclusivas e contribuiu para a formação continuada dos professores. Destaca-se um comentário durante a disciplina de uma estudante-professora: “Que bom que temos oportunidade de refletir, desconstruir conceitos e sensibilizar cada vez mais nosso olhar e nossas práticas”.

Acredita-se que o compartilhamento de registros reflexivos, sejam individuais ou coletivos, podem impulsionar práticas mais inclusivas, à medida que, por meio das ideias partilhadas, é possível acontecerem outras reflexões, outras problematizações e, conseqüentemente, outros processos de transformação. Nesse sentido, é fundamental que no processo de formação continuada os professores possam refletir sobre suas ações, atitudes, sentimentos, praticados durante a aula para aprender a reconhecer e criar estratégias sobre aquilo que precisa ser melhorado.

O estudo contribui igualmente para ampliar nosso conhecimento sobre novas estratégias que favoreçam o debate no ensino remoto. Observou-se que os professores, como estudantes do curso de pós-graduação, se colocaram abertos às propostas da disciplina mostrando-se comprometidos por meio de sua participação.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.





MACEDO, Lino de. **Ensaio Pedagógico: construindo escolas inclusivas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor**. Lisboa: Porto, 1995.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.

PAIVA JUNIOR, Francisco Pessoa (Organizador). **Ensino remoto em debate**. Belém: RFB Editora, 2020. Disponível em: <https://portal.ifma.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/ENSINO-REMOTO-EM-DEBATE-digital-2-1.pdf> Acesso em setembro de 2021.

SANTOS, Boaventura Souza. **Pela mão de Alice: o social e político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

